

o magnicida

christian ferrer

I

No aeroporto de Manila, capital da República das Filipinas, um homem aguardava ansiosamente a chegada de um avião. Com ele, também esperavam uma comitiva oficial, dignitários eclesiásticos, fotógrafos das principais agências de notícias do mundo, curiosos e um grande grupo de fiéis. Era uma época em que não era difícil se aproximar dos poderosos, tal como Brutus fez com César dois milênios antes. O homem, presumivelmente estremeado até os ossos e excitado por uma vaga consciência da proximidade de sua metamorfose em personagem famoso, ou melhor, infame, dissimulava suas intenções por meio de um falso hábito sacerdotal e um crucifixo na mão. Mas sob o manto empunhava uma faca, um “kriss” malaio, cuja lâmina de aço curvo media trinta e dois centímetros. Logo se comprovaria que a adaga continha uma inscrição: “balas, superstições, bandeiras, reinos, lixo, exércitos e mediocridades”. Eram nove da manhã de 27 de novembro de 1970.

Christian Ferrer é sociólogo, professor da Universidade de Buenos Aires.

II

Nasceu em 31 de março de 1933, em La Paz, Bolívia. Talvez seja o mais perto do céu que se possa nascer. Na adolescência, descobriu que era ambidestro e surrealista. Descobriu também que podia pintar com ambas as mãos, ainda que não suspeitasse que o destino não seria pródigo com sua vocação. Cresceu calado e fechado; taciturno, talvez. Tinha baixa estatura; sua fisionomia exibia a viva imagem de alguém natural do altiplano e nada nele anunciava um futuro magnicida. Queria viajar: Argentina, primeiro; Estados Unidos e Extremo Oriente, depois. Chegaria a dar a volta ao mundo, mas sua jornada foi interrompida aos 36 anos e seu retorno seria em grilhões. Tinha levado metade da sua vida para chegar tão longe; e ficou, também, tão longe da glória artística quanto próximo das manchetes sensacionalistas nas primeiras páginas dos jornais. Ainda em La Paz, trabalhou para o USIS,¹ o serviço estadunidense de informação. Anos depois, não faltariam desconfiados que encontrassem no atentado uma ligação com a CIA. Em 1959, deixou a Bolívia e foi ao Brasil como representante de seu país na V Bienal de Arte de São Paulo. Foi quando decidiu instalar-se na Argentina. Em Buenos Aires, de início, pôde mostrar sua obra: em 1962, expôs em uma sala do Conselho Municipal da Cidade de Buenos Aires; pintou também no Hotel Llao Llao, de Bariloche, e exibiu suas obras na tradicional Galeria de Arte Witcomb. Mas a má fase chegou e parecia constante. Tentou vender suas pinturas no bairro de San Telmo, viveu em lugares abandonados da rua Corrientes e no final não teve alternativa senão fazer retratos de clientes em um cabeleireiro, na Recoleta, para vender no ato. Em troca de comida, pintou as paredes de um restaurante adjacente ao Teatro da Ópera.

O magnicida

A fome e a arte foram siamesas que, no século XIX, conviveram íntimas e inseparáveis. Na história das vanguardas estéticas também existem capítulos reservados à penúria e à desnutrição. Mas aqueles pintores estavam seguros daquilo que forjavam em suas telas e a esperança do reconhecimento público, mesmo que póstumo, nunca os abandonou. Em Buenos Aires, ninguém se interessou pelo pintor surrealista do altiplano. Só um crítico de arte se ocupou dele e para desdenhá-lo de uma canetada. Em maio de 1963, deixou a Argentina. Tinha alguns amigos, porque um retrato seu fora publicado na revista *Tía Vicenta*. Junto à foto se lê: “Parte sem dor, a caminho de Nova Iorque, o pintor surrealista boliviano Benjamín Mendoza y Amor. Boa viagem, demônio, e que vendas muitos quadros”. A partir de então, viveu nos Estados Unidos, Japão, Hong Kong e Taiwan. Antes de se instalar no arquipélago das ilhas Filipinas chegou a expor na União Soviética e no Havaí, sabe-se lá como. Quase dez anos antes, em fevereiro de 1961, Benjamín Mendoza y Amor passou um mês em Mar del Plata pintando alguns murais para pagar o hotel onde se hospedou. O hotel se chamava *Manila*.

III

O avião pousado vinha de Daca, capital de Bangladesh, última etapa de uma turnê iniciada uma semana antes. Quando o passageiro principal surgiu na escada, viu três mil pessoas aclamando-o e ouviu o repicar dos sinos de todas as igrejas da cidade. Dobravam por ele. O homem disfarçado de padre se aproximou lentamente, aproveitando-se de descuidos, fervores alheios e de um deficiente serviço de segurança, até ficar próximo de uma das mais altas encarnações do poder temporal. Em seguida, esti-

cou o braço como se fosse uma garra; mas a facada apenas conseguiu rasgar o ar, surpreendendo a presa e deixando transtornado o atacante, consciente de ter falhado apenas por centímetros. Pretendeu assassinar o Papa Paulo VI e fracassou. Ainda assim, conseguiu golpear a vítima levemente no peito antes que um prelado se interpusesse em seu caminho. Não haveria uma segunda oportunidade, pois em instantes dezenas de homens o sepultaram debaixo de um túmulo de músculos e ameaças, algumas ditas na sua própria língua, o castelhano, que também se fala nas Filipinas. Benjamín Mendoza y Amor, artista sem sorte, percorreu um longo caminho desde as alturas bolivianas até o Oceano Pacífico a fim de cometer um magnicídio, a primeira tentativa desse tipo em cem anos contra o representante de Deus na Terra. No dia seguinte, os jornais de todo o mundo dedicaram suas primeiras páginas à tentativa fracassada e também ao frustrado assassino, um obscuro pintor elevado, repentinamente, da trivialidade cotidiana a esta celebridade que só perdura enquanto a notícia não se oxida na letra de forma. Seus quadros também chegaram às primeiras páginas, pelo menos por alguns dias.

IV

Em 1962, em Buenos Aires, Benjamín Mendoza y Amor pintou um quadro com imagens terríveis e o chamou de *A alvorada dos tiranos*. Guerra, destruição, morte, escravidão, miséria e o poder, que tinha um bloco de gelo por coração. Foi preparado a pedido de um comprador a quem já tinha vendido obras suas e para quem prepararia as ilustrações de seu último livro. O cliente se chamava Barão Biza. É provável, quase certo, que o pintor sabia ou tinha conhecimento de que seu cliente era ou fora um

O magnicida

milionário e que arrastava atrás de si uma obscura fama de violento e ateu. Em outros tempos, este homem havia publicado dois romances que, uma vez levados a julgamento, valeram-lhe a pecha de “pornógrafo”, e agora tinha pronto um novo, intitulado *Tudo estava sujo*, publicado um ano antes de sua morte (pelas próprias mãos). A contracapa do livro informava: “Ilustrou Benjamín Mendoza” e na epígrafe: “Que meu túmulo não tenha nome, nem flores, nem cruz”. Tal vontade seria cumprida.

São dez ilustrações em branco e preto, algumas alegóricas e outras ilustrativas de frases tomadas do argumento do livro e transcritas debaixo de cada um dos desenhos, compondo um diálogo entre escritor e artista. Nelas se veem precipícios, árvores e seres sofridos; um homem atravessando uma cerca com arame farpado para alcançar um livro; uma mulher tirando seu cinto de castidade; sapatos de salto alto sobre uma cadeira; outra mulher, nua, fazendo o gesto de silêncio com o dedo; Adão e Eva expulsos do paraíso; no fim, um martelo tosco, uma flecha indígena e um cálice sobre o qual levita uma hóstia. A temática religiosa, matizada de anticlericalismo, abundava nas ilustrações. Foi entre 1962 e 1963, quando costumava visitar os escritórios do Barão Biza, localizados em um décimo quinto andar e próximos dos corredores subterrâneos que atravessam a Avenida 9 de Julho, para tomar café e oferecer seus quadros.

V

Uma derivação grotesca do atentado ocorreu quando o presidente filipino, o ditador Ferdinando Marcos, atribuiu para si o fato de ter impedido o magnicídio com um certei-

ro golpe de caratê dado no falso sacerdote boliviano. Mas não era verdade: as fotografias o mostram muito longe do acontecimento. Com moderada irritação, a chancelaria vaticana enviou uma declaração à imprensa especificando que a pessoa que impediu o golpe, abraçando-se a Mendoza y Amor, teria sido o cardeal coreano Sou Kwan (“Stephen”) Kim. Curiosamente, o único a corroborar com a versão de Marcos foi o próprio Benjamín Mendoza y Amor.

VI

Benjamín Mendoza y Amor confessou a Serafín Fausto, subchefe da polícia das Filipinas, motivações distintas: “que fazia muito tempo desejava matar o Papa, porque ele promovia a superstição pelo mundo e que logo daria continuidade com o presidente norte-americano Richard Nixon”, mas também “que nunca quis causar dano ao Papa e sim dar-lhe a morte, não fisicamente, mas de forma surrealista”. Talvez tenha sido por esta última declaração que Paulo VI o perdoou, como costumam fazer os pontífices. Assim está especificado no protocolo do Estado do Vaticano, mas não no do tribunal filipino que o julgou. O juiz Pedro Batista condenou Benjamín Mendoza y Amor a quatro anos de prisão por tentativa de assassinato, pena cumprida quase em sua totalidade. O artista ingressou na prisão com duas pombas, uma em cada mão. Um ano antes do atentado, o pintor errante expôs óleos e aquarelas no Museu Nacional das Filipinas e também na Biblioteca Nacional desse país. Não conseguiu vender um quadro sequer. No entanto, pouco depois de ocorrida a frustrada tentativa de assassinato, foram vendidas cem obras suas, e por um tempo, sua cotação alcançou as centenas e os milhares de dólares. Desta

O magnicida

vez tinha sido reconhecido: a arte-atentado desfrutou de um breve momento de glória no mercado.

VII

A tentativa de assassinato de um Papa foi capa mundial, unanimidade da qual não se viu excluída a Argentina. Aos chefes de redação dos jornais locais não passou despercebida a estadia de Benjamín Mendoza y Amor na cidade de Buenos Aires, mas se lhes escapou a conexão local, o encontro entre duas personalidades tão perturbadas quanto irredimíveis. Quem quis ser parricida de alto grau manteve uma relação de clientela com um milionário ateu, excêntrico e intratável. Em 1962, Mendoza y Amor expôs *A alvorada dos tiranos* na Galería Witcomb. Teve que pedi-lo emprestado ao Barão Biza, pois o quadro já não lhe pertencia. Vários anos depois, um jornalista da revista sensacionalista *Así* seria o único a vincular o pintor desconhecido ao escritor maldito: “Entre as pinturas expostas por Mendoza nesta galeria figurava *A alvorada dos tiranos*, que fora comprada anteriormente pelo senhor Barão Biza que, agora que Mendoza é famoso, a pôs novamente à venda. Seguramente, Barão Biza pensa recuperar com juro — pela triste fama que cobriu de subitamente o artista — a soma que lhe custou o quadro”. Mas isso já não era mais possível: Barão Biza estava há seis anos debaixo da terra.

Décadas antes, o Barão Biza havia publicado uma carta dirigida ao Papa Pio XI, um dos mais próximos antecessores de Paulo VI, à guisa de prefácio de seu livro *O direito de matar*. O tom da correspondência era áspero e blasfemo. Entre as muitas ilustrações daquele livro condenado, saltava aos olhos a de uma mulher disfarçada de pontífice, ou

de “papisa”, e outra em que uma mulher estava crucificada sobre uma montanha de dinheiro. O anticlericalismo foi uma das grandes paixões políticas do século XIX. Era uma das pontas afiadas do tridente laico e, após potencializar-se pela última vez no tumultuoso gêiser do surrealismo, foi-se desgastando até se transformar, inadvertidamente, na atmosfera da vida relacional de hoje em dia. Ainda na década de 1970, a Igreja era um ator político de primeira grandeza, mas a sua capacidade de fiscalizar moralmente a população havia minguado drasticamente. Também os últimos fulgores do surrealismo emanavam de uma brasa que já não mais crepitava. Mas essa má notícia ainda não tinha chegado à Bolívia. Em outras obras de Mendoza y Amor abundavam ainda as facas, plantas carnívoras, cadafalsos e formas oníricas, tanto como o motivo anticlerical, um dos pontos fortes dos surrealistas, que já tinham adornado Niki de Saint-Phalle, Clovis Trouille e Luis Buñuel. Em um dos seus óleos, o Papa está sentado sobre o diabo e, em outro, chamado *Jesus Cristo e a ira*, vê-se o salvador junto a uma mulher nua. Não é improvável que Benjamín Mendoza y Amor tenha lido *O direito de matar* e dado uma olhada nas ilustrações que precederam às suas próprias de *Tudo estava sujo*. Para inspirar-se, talvez.

VIII

Não havia muita informação sobre as relações de Benjamín Mendoza y Amor com o mundo da arte. Um homem reservado e que morou intermitentemente em tantos lugares talvez carecesse de amizades e relações duradouras. Uma de suas poucas amigas em Manila se chamava, curiosamente, Caroline Kennedy. Em Buenos Aires, com o correr da notícia, a maioria daqueles que o havia conhe-

O magnicida

cido silenciou-se, ainda que dois ou três intrometidos que o conheceram superficialmente se refestelassem com anedotas insignificantes. Então, silêncio. Não obstante, existiram defensores de Benjamín Mendoza y Amor, uma defesa natural e por ofício assumida pelos surrealistas, anticlericais por convicção e incendiários por vocação. Em 1973, a revista *Arsenal*, do grupo surrealista de Chicago, defendeu o pintor boliviano em um artigo chamado “Guerra contra o Papa”, no qual se celebrava o “gesto gracioso” do artista como “o ato mais puro de audácia individual”. Dois anos antes, o mesmo grupo editou um panfleto intransigente, “Para um segundo incêndio de Chicago”, que o filósofo Herbert Marcuse considerou “um dos poucos exemplos de como o humor demente pode se transformar em uma verdade política radical”. Mas nem nos píncaros mais elevados de seus sonhos, aquele ser do altiplano poderia ter imaginado que alguém postularia a necessidade de um monumento para a sua pessoa, o que se pode tomar por um chamamento blasfemo ou uma santa gargalhada. Assim culminaria o libelo: “A destruição da Igreja de São Pedro deveria começar no Natal, acompanhada de fogos de artifício eróticos, a encenação da *Ernestina*, do Marquês de Sade, e a projeção de *Animal Crackers*, dos Irmãos Marx. Será enviado um convite para Charles Mingus que, esperamos, executará seu *Pithecantropus Erectus* contra um fundo de chamas crepitantes. Nas imediações, uma seleção de obras surrealistas violentamente antirreligiosas girará lentamente sobre um carrossel construído especialmente para a ocasião. Entre a multidão que celebra talvez se note os meandros caprichosos de um avestruz, alguns cangurus, um rinoceronte, numerosas corujas e talvez um urso preguiçoso gigante da Patagônia. Uma abundância de romãs, mangas, laranjas, bifes de *solomillo* e os vinhos

mais finos estarão disponíveis a qualquer um. Sobre as ruínas e cinzas dessa igreja ridícula, o Grupo Surrealista propõe erigir um enorme monumento em honra ao nosso camarada Benjamín Mendoza. Este monumento, impossível de descrever senão em um esboço geral, será construído a partir de tijolos fabricados com crucifixos derretidos e outros artefatos cristãos (bíblias, rosários, relíquias, ícones, medalhões, etc.), todos eles borrifados com a pintura vermelha mais brilhante. Conterá muitos e diferentes cômodos, cada qual dedicado a uma figura exemplar (tais como Sade, Flora Tristán, Melville, Swinburne, Nietzsche, Sandor Ferenczi, Peetie Wheatstraw, Rosa Luxemburgo, Benjamín Péret). A sala de Melville, por exemplo, incluirá um vasto aquário, dentro do qual a *Última Ceia*, de Leonardo, suspensa de ponta-cabeça, proporcionará um insuperável pano de fundo para a navegação do *pez-diablo*² e de arraiais. Este monumento, para sua função simbólica específica, exigirá um sistemático desenraizamento de todo vestígio de superstição religiosa e do concomitante reforço das capacidades imaginativas concretas. Acima de sua entrada haverá uma enorme placa, coberta de peles, onde letras fluorescentes exporão a santa máxima imortal enunciada por André Breton: ‘Deus é um porco’”.

IX

Em 1974, Benjamín Mendoza y Amor pôs os pés para fora da prisão filipina de Quezón City, e de imediato foi deportado para seu país natal. O avião no qual regressou fez escala no Taiti e foi justamente nesse pedaço do paraíso onde Mendoza y Amor se encontrou casualmente com um argentino famoso, ou infame, dependendo do ponto de vista, que também estivera na cidade de Manila dias antes.

O magnicida

Este homem viajava pelo Oriente acompanhado de uma mulher fenomenal que, vinte anos antes fora eleita “Miss Argentina”. Em meados dos anos setenta não era muito provável que duas pessoas relacionadas à Argentina se encontrassem sem arranjo prévio no aeroporto de Papeete, capital do Taiti. Menos ainda que uma delas fosse um frustrado magnicida e o outro um pornógrafo perseguido pela censura. Já em Buenos Aires, este último daria uma entrevista e contaria o seguinte: “Sabe quem reconheci quando tomei o avião que me trouxe de Taiti a Lima? O Mendoza, esse pintor que há alguns anos atentou contra a vida de Paulo VI em Manila. Estava ferido, sangue lhe jorrava da barriga e me perguntou se não teria um calmante. Revolvi todos os bolsos, mas nem uma aspirina encontrei. Mendoza viajava escoltado por policiais à paisana. Em tom confidencial, perguntei-lhe porque tinha cometido aquela barbaridade, e me respondeu que foi um surto de loucura. Procurei compreendê-lo, sem julgá-lo. Sou cristão. E sei que, como ser humano, esse homem merece castigo e também respeito. Mas te juro que me senti mal, muito mal. Mal por ele, mal pela incompreensão que de súbito nos envolve e contamina; me senti mal, furioso comigo mesmo”. O homem que saiu em defesa de Benjamín Mendoza y Amor teve um pai filiado ao radicalismo *yrigoyenista*³ e ele mesmo foi, sucessivamente, jogador profissional de basquete, ator de certo sucesso, depois diretor de cinema, e sempre, sempre, sempre, aquele que encheu a tela do cinema com carne de fêmea. Se chamava Armando Bó e existiu um tempo em que ele e sua musa eram inomináveis.

Tradução do espanhol por Thiago Rodrigues.

Notas

¹ *United States Investigation Services Inc.* (N. E.)

² Não se refere ao mesmo peixe-diabo conhecido no Brasil. Trata-se, possivelmente, do peixe conhecido aqui como “cascudo” ou, talvez, de uma espécie de arraia vendida como souvenir por seu formato hominídeo. (N. E.)

³ Hipólito Yrigoyen foi duas vezes presidente da Argentina, entre 1916-22 e 1928-30, pelo partido da *Unión Cívica Radical* (UCR). (N. E.)

Resumo

Benjamím Mendonza y Amor, um sombrio pintor boliviano, tenta reconhecimento público por meio de sua arte surrealista entre os anos de 1950 e 1960. Após breve prestígio, cai na penúria e nas malhas da crítica. Deixa a América Latina em busca de nova sorte, mas acaba preso nas Filipinas em novembro de 1970, após atentar contra a vida do Papa Paulo VI. Ganha a prisão como destino, uma breve notoriedade internacional, e o título de magnicida.

palavras-chave: pintor anarquista, América Latina, magnicídio.

Abstract

Benjamím Mendonza y Amor, a bleak bolivian painter, tries public recognition through his surrealist art between the 1950's and the 1960's. After a brief prestige, he fell into penury and he was caught by the net of criticism. Then, he left Latin America looking for a new fortune but, in the end, he was arrested in Philippines in november of 1970 after attempting against Pope Paul VI's life. He won the prison as destination, a brief international recognition and the title of magnicide.

keywords: anarchist painter, Latin America, magnicide.

Recebido para publicação em 15 de outubro de 2009. Confirmado em 9 de março de 2010.